



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM LITERATURA BAIANA -
PPGLB

**NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS: de Nelo a Virinha, os
descaminhos identitários**

Conceição do Coité
2013

EDNA BARBOSA ALMEIDA

**NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS: de *Nelo* a *Virinha*, os
descaminhos identitários**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação *campus* XIV, no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura Baiana - PPGLB - da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como instrumento de avaliação final do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do grau de Especialista.

Professora Orientadora: Profa. Ms. Eugênia
Mateus de Souza

Conceição do Coité
2013



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM LITERATURA BAIANA -
PPGLB

MONOGRAFIA APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM LITERATURA BAIANA

Prof. Dr. Luiz Valverde
Coordenador de Curso

Examinador II

Profa. Ms. Eugênia Mateus de Souza
Orientadora

Conceição do Coité, abril de 2013

AGRADECIMENTOS

Ao senhor Deus pelo dom da vida e pela capacidade de superação e crescimento.

À minha mãe Celina, por ser não apenas uma mãe, porém uma grande amiga, com a qual eu posso contar em qualquer adversidade da vida, obrigada, de coração, pelo seu amor sublime e sua compreensão.

Aos familiares em nome de minha Avó Amenaide, minha irmã Jaqueline e meus primos Bruno e Marcelo.

Às minhas amigas Salete (Ninha Sá) e Vanessa, pelo carinho e apoio em todas as horas, demonstrando que a verdadeira amizade é para a vida inteira.

Aos colegas da Especialização em nome de Deise, Bruna e Géssica, as últimas, embora não estivessem na turma estavam sempre presentes. À todos da turma da pós que formam co-autores desse caminhada acadêmica.

À Laércio Botan, por se mostrar companheiro e contribuir imensamente para a realização de mais este sonho.

À minha orientadora Prof^a. Ms. Eugênia Mateus de Souza por ter acolhido e contribuindo imensamente com suas considerações sobre este estudo, mostrando-se grande companheira.

À Universidade do Estado da Bahia, em nome do Coordenador do Curso de Especialização em Literatura Baiana, Prof. Dr. Luiz Valverde e do Prof. Ms. Deijair Ferreira (Diretor do *Campus*) pela oportunidade de cursar um Programa de Pós-Graduação de excelente nível.

Enfim, obrigada, meu Deus, por me dá forças para cumprir mais esta etapa da minha vida, e a todas as pessoas que até o presente momento da minha vida me iluminaram com energias positivas e palavras de esperança, amor, fé e perseverança.

A vida aqui só é ruim quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo fartura tem de montão
Tomara que chova logo tomara meu Deus tomara
Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara

Enquanto a minha vaquinha tiver o couro e o osso
E puder com o chocalho pendurado no pescoço
Eu vou ficando por aqui que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal em outros cantos não para
Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara

No meu cariri
Quando a chuva não vem
Não fica lá ninguém
Somente Deus ajuda
Se não vier do céu
Chuva que nos acuda

Macambira morre
Xiquexique seca
Jiriti se muda (bis)

Se meu Deus der um jeito
De chover todo ano
Se acaba o desengano
A meu viver lá é certo

No meu cariri
Pode se ver de perto
Quanta boniteza
Pois a natureza
É um paraíso aberto

(Grifo nosso)

Zé Ramalho

RESUMO

O presente trabalho analisou personagens de dois romances do escritor baiano e contemporâneo Antonio Torres, *Essa Terra* e *Adeus, Velho*. Observa-se que tais obras literárias têm uma estrutura pós-moderna e buscam descrever ou caracterizar o ser humano submetido ao desenvolvimento e ao processo de desterritorialização. Para tanto foi necessário recorrer ao estudo de autores que teorizam sobre a temática em questão, a exemplo de Araújo (2008), Bhabha (1998), Canclini (2008), Eco (1994), Ortiz (2005/2007), Hall (2008/1997), entre outros. A partir dos caracteres narrativos, é possível analisar as marcas da escrita contemporânea e a crise de identidade que os personagens (Nelo e Virinha) carregam ao longo da narrativa, tornando-se seres fragmentados.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade(s). Desterritorialização. Fragmentação.

ABSTRACT

The present work analyzed the characters of two fiction of writer contemporary Antonio Torres, *Essa Terra e Adeus, Velho*. It is observed that such literary works have a post-modern structure that seek to describe or characterize the human being subjected to development and the process of deterritorialization. Therefore it was necessary to resort to the study authors theorize about the topic in question, like Araújo (2008), Bhabha (1998), Canclini (2008), Eco (1994), Ortiz (2005/2007), Hall (2008/1997), among others. From the narrative characters, you can analyze the marks of contemporary writing and the crisis of identity that the characters (and Nelo Virinha) carry along the narrative, becoming fragmented beings. Through this research confirmed the hypotheses raised in this study, since it was possible to notice, the characters and Nelo Virinha, identity profiles and similar destinations.

KEYWORDS: Identity(s). Deterritorialization. Fragmentation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. NELO: migrante sertanejo, desenraizamento e consequências.....	13
1.1 <i>Essa terra me chama e me enlouquece</i> : Junco ou São Paulo?.....	14
1.2 <i>Essa terra me ama e me enxota</i>	19
2. UM OLHAR SOBRE MARIA ELVIRA SOB A ÓTICA DA FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA	23
2.1 Virinha: deslocamentos e identidade.....	23
2.2 As múltiplas identidades de Maria Elvira.....	27
2.3 Caracterização narrativa e personagens de <i>Adeus, Velho</i>	29
3. NELO E VIRINHA: identidades cruzadas?.....	32
3.1 Descaminhos narrativos.....	32
3.2 As sociedades contemporâneas e o processo de desterritorialização.....	35
3.3 O sujeito Globalizado como consequência do desenraizamento cultural..	40
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Antonio Torres, autor das obras, *Essa Terra e Adeus, Velho*, que estão analisadas neste estudo, nasceu no interior da Bahia, no povoado de Junco, que hoje é a cidade de Sátiro Dias, em 1940. Descobriu o seu gosto pela vocação literária quando criança, incentivado por uma professora, na escola rural de sua terra, escrevia carta dos moradores da cidade, assim como receitava poesia de Castro Alves na praçinha da cidade; indo para Salvador, iniciou o trabalho como repórter do Jornal Literário. Atualmente dedica-se à atividade literária em Itaipava (RJ). Premiado, com várias edições no Brasil e traduções em muitos países, um dos nomes mais importantes da sua geração, com uma obra expressiva que abrange 11 romances, 1 livro de contos, 1 livro para crianças, 1 livro de crônicas, perfis, memórias e 2 projetos especiais. Condecorado pelo governo francês com o *Chevalier des Arts et des Lettres*, recebeu, também, o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, entre outros.

Assim, visando melhor compreender as obras de Torres, *Essa Terra e Adeus, Velho*, fez-se este estudo monográfico, que tem como temática central identidade e fragmentação dos sujeitos nas narrativas pós-modernistas e intitula-se *Narrativas de deslocamentos: de Nelo a Virinha, os descaminhos identitários*. A reflexão aqui apresentada busca fazer o mapeamento dos personagens Nelo e Virinha, nas narrativas de deslocamento, para os descaminhos identitários, em *Essa Terra e Adeus, Velho*, de Antonio Torres.

Várias questões levantadas na discussão temática do autor em análise são condizentes com a realidade enfrentada por grande parte da população nativa da região descrita; assolados por dificuldades climáticas regionais, geralmente, depositam esperanças de crescimento pessoal e profissional no processo migratório, sendo este fator ponto de partida para o surgimento de várias questões abordadas na obra de Torres.

A ilusão, o êxodo, o sofrimento em terra alheia, a idealização de civilização perfeita e modernidade focada numa grande metrópole, a decepção, o fracasso, o regresso, a aquisição de um novo olhar sobre o mundo nativo antes não percebido, o novo posicionamento e valoração sobre esta “nova” realidade, todos estes são

aspectos que o autor ilustra fielmente nos dois protagonistas aqui analisados, e este cruzamento de verossimilhanças são o ápice de análise aqui abordado.

Atualmente, discute-se muito (tanto na vida quanto na arte) acerca das múltiplas identidades que o ser humano pode assumir. Tais discussões giram em torno de um sujeito que vive numa sociedade que está em processo de globalização, e a imediaticidade dos acontecimentos gera mudanças que influenciam diretamente na sua identidade, e esta, não é mais fixa, mas “móvel”.

A problemática central das questões que aqui estão levantadas relaciona-se ao que caracteriza a construção dos personagens Nelo e Virinha na escrita dos romances, assim como a discussão do fato de ser a narrativa a configurar a hibridez na identidade dos personagens, levando-os à fragmentação ou vice-versa.

Após a leitura dos romances *Essa terra* (1976) e *Adeus, velho* (1986), de Torres, identifica-se o dilema vivido por ambos os personagens nas duas obras analisadas: saem da terra natal (interior) em busca do progresso, de melhorias (na cidade grande) e, desterritorializados, não conseguem encontrar um lugar ideal. Sabe-se que a arte não reproduz meramente a vida, mas a modifica, não obstante, é evidente que a literatura se utiliza da linguagem como veículo de expressão. Desta forma, as hipóteses levantadas nesse trabalho foram a possibilidade de a narrativa ficcional torreana refletir sobre a sociedade moderna (descentrada e com identificações - não identidade) e sua configuração face à fragmentação dos sujeitos.

A análise foca a abordagem de Torres, as peculiaridades apresentadas pelos grupos humanos representadas nas obras estudadas, apontando problemas, características psicológicas, físicas e comportamentais dos perfis humanos assumidos pelos protagonistas em questão, sendo representações dos nativos das terras apresentadas nas obras que se deslocam na tentativa de conquistar o espaço que a sociedade não lhes oportunizou.

Com a finalidade de confirmar ou não as hipóteses; desenvolveu-se um trabalho minucioso com análise das obras, estudo do autor e de teóricos que trabalham a abordagem de construção identitária. Buscou-se, primordialmente, mapear os personagens Nelo e Virinha nas narrativas de deslocamentos para os descaminhos identitários em *Essa Terra* e *Adeus, velho*, de Antonio Torres. Comparar estes protagonistas, seus perfis, como sujeitos fragmentados e deslocados foi de extrema importância para o alcance dos objetivos propostos e

identificar indícios de fragmentação na narrativa e, por, consequência seus personagens se tornaram ferramenta fundamental para analisar o processo de desterritorialização como agente influente na fragmentação do sujeito nas obras estudadas.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, intitulado **Nelo: migrante sertanejo, desenraizamento e consequência**, inicia-se, apresentando o autor e suas obras, com uma breve análise da narrativa de *Essa Terra*; os tópicos **Essa terra me chama e me enlouquece: Junco ou São Paulo? E Essa terra me ama e me enxota**, têm por base a divisão do romance (*Essa Terra me ama, Essa Terra me chama, Essa terra me enxota, Essa Terra me enlouquece*) com ênfase no personagem Nelo. Neste capítulo o autor apresenta de maneira clara as dificuldades, as expectativas frustradas de Nelo, que saiu do interior baiano para tentar a sorte na cidade grande, São Paulo, em sua trajetória vive o preconceito, a dificuldade de inserção na cidade grande até o seu fracasso e o seu retorno à Junco, reconstruindo um novo olhar sobre a cidade e a realidade agora vivida.

O segundo, **Um olhar sobre Maria Elvira sob a ótica da fragmentação identitária**, faz um breve resumo do romance *Adeus, Velho*; o tópico **Virinha: deslocamentos e identidade**, relata a vida de Virinha, no interior, e seu grande sonho de obter melhoras na capital; envolve-se com um caminhoneiro, iniciando a sua vida sexual na esperança de que ele a leve para a cidade grande, e assim é abandonada após o ato sexual e se decepciona, já que perdera o que ela considerava ser de maior valor, sua virgindade; o tópico **As múltiplas identidades de Maria Elvira**, relata a migração da personagem para Salvador, suas dificuldades e o preconceito que vive, ela torna-se fragmentada, sem saber se a sua identidade se encontra na cidade grande ou no interior, sua terra natal; neste capítulo, é feita a análise da construção e desconstrução narrativa e, conseqüentemente dos personagens; descreve a vida da personagem ao chegar a Salvador e ver que não era como ela idealizava e, por isso, tornou-se um ser fragmentado; já no **Caracterização da narrativa e personagens de Adeus, Velho** analisa-se a construção e desconstrução da narrativa e, conseqüentemente, dos personagens.

O terceiro e último capítulo: **Nelo e Virinha: Identidades cruzadas?** analisa os personagens Nelo e Maria Elvira, a fim de observar suas semelhanças e diferenças. No primeiro tópico, **Descaminhos narrativos** mostra a construção dos romances e personagens e pontua algumas das temáticas presentes nas obras. **As sociedades**

contemporâneas e o processo de desterritorialização mostra que a desterritorialização faz com que os personagens sejam mediadores entre a cultura do interior e da capital e que assumam identidades diferentes em diferentes momentos. **O sujeito Globalizado como consequência do desenraizamento cultural** chega-se à culminância da pesquisa, analisa-se os personagens Nelo e Virinha, confrontando-os, a fim de observar se os mesmos têm identidades semelhantes.

Em suma, os romances estudados, abordam o deslocamento populacional e, “acompanham” a trajetória dos indivíduos que deixaram o sertão baiano para buscar no sul (capitais), meios de sobrevivência, inserção social e cidadania, evidenciando o convívio social dos personagens (Nelo e Virinha), tanto no local de origem quanto no de destino, porém o autor vai além, demonstrando as implicações deste “vai-e-vem” nos personagens; esta é a análise realizada no presente estudo (as semelhanças nos perfis de Nelo e Maria Elvira).

CAPÍTULO 1

1 NELO: migrante sertanejo, desenraizamento e consequências

Não sei se fico ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco (TORRES, 2005, p.15).

Essa Terra (1976), romance escrito por Antonio Torres, relata o impacto causado no retirante (imigrante nordestino) pela "cidade grande". A narrativa está dividida em quatro partes: *Essa Terra me chama*, *Essa Terra me enxota*, *Essa Terra me enlouquece* e *Essa Terra me ama*.

Uma grande abordagem do texto está relacionada à diversidade cultural e geográfica que se tem no Brasil, as consequências temáticas sobre a vida dos indivíduos, a interferência direta da seca e da agricultura pastoril como única forma de sobrevivência. O autor apresenta o Nordeste do período das andanças do destemido Lampião, onde a alternativa de migrar era considerada fator primordial na busca de melhoria de vida, de juntar a família para se obter conforto, ilustrando Junco como o lugar antônimo à metrópole São Paulo onde o personagem foi em busca do seu destino, de sucesso com as mulheres e com o emprego, porém não encontrou. A problemática, realidade da migração para São Paulo, é contada através do personagem Nelo, (uma vez que este vivencia os “desabores” da cidade grande) filho primogênito de uma família camponesa de Junco, pequeno município do sertão baiano.

Através da construção de Nelo, o autor apresenta o drama pessoal e familiar da saga migratória. A volta do “Filho Pródigo”¹. A temática é induzida já no primeiro capítulo da primeira e mais longa parte do livro, “Essa terra me chama”. Pela narração em primeira pessoa de Totonhim, irmão de Nelo, vai se compondo a vida do lugar e de seus personagens típicos: o doido Alcino; Zé da Botica; o sargento-

¹ Filho Pródigo, referência à citação bíblica que relata a volta de um filho que abandonou a casa dos pais, mas não obtendo êxito distante de casa, regressa. De acordo com o evangelho de Lucas 15:11-32, é dada a herança ao filho mais novo. Depois de perder sua fortuna (a palavra "pródigo" significa "desperdiçador, extravagante"), o filho volta para casa e se arrepende.

delegado, Pedro Infante, o dono da Venda. O narrador muda no decorrer do livro, a exemplo de quando Nelo narra para reforçar a narração da cena em que se mistura a violência policial da metrópole paulistana contra a minoria, pobres, negros (pejorativamente, baianos), com reminiscências de seu passado rural.

A narrativa constrói-se a partir de fragmentos de lembranças do narrador-personagem, apelidado de Totonhim, e dos diferentes gêneros ou modos de contar: as cartas de Nelo – o irmão mais velho –, diálogos entre parentes e as descrições da pequena cidade do Junco.

Em *Essa Terra* não há uma linearidade cronológica, por isso o tempo desnorteia o leitor, exigindo-lhes mais atenção à narrativa para uma compreensão mais atemporal. O cuidado na leitura deve ser intensificado, pois a narração é ora em primeira ora em terceira pessoa; Totonhim é um narrador onisciente e, por isso, muitas vezes sabe até mesmo os pensamentos de outros personagens. Nesse sentido, ambiciona-se discutir, nesse capítulo, a fragmentação da narrativa assim como do personagem Nelo, uma vez que ele não consegue se encontrar no Junco, tampouco em São Paulo.

A falta de perspectiva de melhora da realidade que se encontra o protagonista o torna desenraizado, e como alternativa de melhorar a qualidade de vida, assim como muitos nordestinos das décadas 30/40 ele encontra na migração a melhor alternativa de crescimento. Nesse cenário aparece Alagoinhas e Feira de Santana, porém o foco se encontra em Junco e São Paulo, ilustrando as difíceis situações que vivem o protagonista ora discriminado e humilhado, ora marginalizando, encontrando como única alternativa de libertação da saga vivida o suicídio. Junco e São Paulo estão adornados na sua memória e interligados devido à desilusão, ao fracasso e ao sofrimento, o personagem, portanto, torna-se um ser fragmentado, com múltiplas identidades.

1.1 *Essa terra me chama e me enlouquece*: Junco ou São Paulo?

Durante a leitura do romance, fica visível que a miséria (ou a pouca visibilidade em relação a um futuro próspero) no Junco reflete diretamente na decisão de Nelo que vai buscar melhores condições de vida em outro lugar. O romance apresenta as peculiaridades do sertão nordestino, a subsistência

agropecuária, a falta de recursos para uma boa qualidade de vida, e a paisagem ilustrativa da seca, para fugir dessa realidade, São Paulo parece ser o lugar ideal, uma vez que a cidade grande é sinônimo de prosperidade e riquezas, de progresso e de desenvolvimento, porém não é o que o personagem encontra lá, pois esta cidade mostra-se problemática, assim como a sua terra natal, apesar de que de um modo muito diferente, na metrópole ele percebe que o avanço que almejava não se configura e a fuga da miséria e da pobreza ao sair de Junco não soluciona todos os seus problemas (já que ele encontra outras decepções como a traição e a violência), assim é para Junco que precisa retornar ao se frustrar com os fracassos e preconceitos da cidade grande.

Metrópole, cidade deslumbrante, lugar da modernidade, da tecnologia, do avanço, São Paulo ilustra fielmente essa realidade, em virtude disso tornou-se um atrativo àqueles que vivenciavam a miséria da vida sertaneja (representada pela pobreza, separação do convívio social, desolação). De lá vêm os homens importantes – bancários/Petrobrás - eles são capazes de fazer milagres, trazer a tecnologia (televisão) para o Junco: “[...] gente se amontoando na janela do sargento, para ver a novela das oito, na televisão — esse milagre que só um homem da capital poderia nos ter revelado” (TORRES, 2005, p. 53). Nelo foi seduzido pelos benefícios advindos da cidade grande. Contudo, a vida almejada não passa de uma ilusão, pois ele não consegue realizar os seus desejos. Por alguns meses ele ainda consegue mandar dinheiro: “A mala me fez pensar no correio e nos envelopes gordos de antigamente, que chegava de mês em mês. Dinheiro vivo, paulista, rico” (TORRES, 2005, p. 20). Nelo consegue realizar o sonho de mandar dinheiro para a família, mas isso dura muito pouco tempo; assim, desfaz-se (mas não completamente) a ideia de que tudo em São Paulo é melhor do que no Junco, inclusive o dinheiro é mais “rico”.

O fragmento mostra Totonhim relatando o reencontro com o irmão (Nelo) quando ele retorna ao Junco. Ao ver a mala do irmão, ele lembra as cartas que Nelo mandava para a mãe. É válido ressaltar que os “envelopes gordos” duraram apenas um determinado tempo (ficaram no passado), mas quando o dinheiro diminui a ilusão do filho/irmão/parente rico não desaparece completamente, isso só ocorre quando Nelo comete o suicídio. Nelo por um tempo representou a expectativa que a família possuía em adquirir melhor qualidade de vida através do parente que ficou

rico em São Paulo. Ainda assim, mesmo retornando para a mãe e o pai, ele é um exemplo a ser seguido.

É notório que a cidade de São Paulo não foi nada do que Nelo e a família imaginavam, uma vez que lá ele vivencia péssimos momentos, não melhorou de vida, também não teve sucesso com as mulheres, como pensava; pelo seu insucesso amoroso e financeiro, resolve regressar à sua terra natal, porém seu retorno não foi triunfal, pelo contrário, foi bastante conflituoso. Ao regressar ao Junco, Nelo já não consegue se encontrar nele, assim vive um processo transcultural: ele parece estar ao mesmo tempo em Junco e em São Paulo. Enxergar uma realidade que foi sua, e que já não lhe cabe mais foi frustrante, e perceber que a expectativa depositada em um mundo novo foi em vão é desesperador para ele, assim decide o suicídio.

Quando vai com seu irmão ao local onde nasceu, Nelo pensa estar ainda em São Paulo, e quer ir ao encontro de sua mulher e filhos, quando Totonhim afirma não saber onde fica, ele diz: “— Deve ser em Itaquera. Ou no Itaim. — Onde diabo fica isso? — Perto de São Miguel Paulista” (TORRES, 2005, p. 35), ou seja, Nelo dá dicas para Totonhim levá-lo para casa (em São Paulo) sendo que eles estavam no Junco.

A partir dessa conversa, Totonhim descobre que Nelo é casado e tem dois filhos, o irmão ressalta que não vê os filhos há mais de um ano, só que Totonhim sabe que ele está ali há apenas algumas semanas, porém não tinha ciência de que a mulher do irmão o tinha deixado e levado os filhos com o outro. Nelo fracassa nos dois lugares, em Junco e em São Paulo, não sabe bem onde está ou onde pretende ficar, pois na sua cabeça as duas cidades estão interligadas:

[...] me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios [...], rachassem as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: — Socorro. Estão me matando.

[...] Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando. Eles continuaram batendo minha cabeça no meio-fio. A luz entrou no meu olho, dura e penetrante, como a dor.

[...] Foi nesse momento que a mão de papai apareceu, me oferecendo um chapéu. — Cubra a cabeça. Assim dói menos. Tentei esticar o braço mas, quando a minha mão já estava quase agarrando o chapéu levei nova pancada.

[...] — Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado. Fuxiqueiro de merda.

[...] Eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando banho no riacho lá de casa, as águas do riacho lá de casa vão para o rio de Inhambupe que vai para o rio Tietê (TORRES, 2005, p. 55-60).

Ao ser confundido com um ladrão, Nelo pôde vivenciar um processo intercultural. O conflito entre as cidades é a fragmentação da sua própria identidade. Nessa perspectiva de fragmentação do sujeito pós-moderno, Bhabha (1998) ressalta que o ser humano encontra-se em trânsito, num lugar no qual espaço/tempo cruzam-se produzindo novas figuras (complexas) nas quais as identidades estão fragmentadas e em constante processo construtivo, isso o torna desorientado ou mesmo excluído. E, segundo Hall:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos (2008, p.13).

Na narrativa torreana, confere-se a Nelo a função de buscar o próprio destino, porém, durante seu trajeto, vivencia uma crise de identidade que faz parte de um processo de modificações pelo qual a sociedade moderna passa. Essa insegurança, a busca identitária é própria do personagem. Mercer (*apud* SILVA, 2007, p.19) afirma que “a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. A mudança da localização e, conseqüentemente, da cultura causam um conflito existencial, por isso é possível perceber que Nelo não consegue se encontrar em lugar algum, quando morava na sua cidade natal, (Junco) interior da Bahia, queria ir para a cidade grande (São Paulo), e ao vivenciar a realidade na metrópole acha que é no interior que está a sua felicidade.

A agressão sofrida por Nelo pela polícia, ao ser preso, não é apenas uma tortura física, mas também psicológica. O momento em que ele estava apanhando vinha à cabeça lembranças da sua terra e, com isso, ele estava mais uma vez fragmentado, com múltiplas identidades, então não sabe onde se encontra. Enquanto os policiais urinam na cara dele, pensa que é a chuva caindo e molhando a plantação do Junco, diz ainda:

[...] Eles estão me matando. Devem ser uma dúzia de homens, fardados e armados. Aqui no meio da rua. Na grande capital. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.
 Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.
 Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.
 No meio da fumaça, no meio do dinheiro.
 Não sei se fico ou se volto.
 Não sei se estou em São Paulo ou no Junco (TORRES, 2005, p. 62-3).

Nelo rememora a família do Junco e a vontade da mãe de que ele crescesse e fosse para São Paulo ganhar dinheiro para ajudar a família, Nelo realizou seu desejo e agora confuso, fica sem saber o que fazer, não sabe se vai embora ou fica, mas ir para onde ou retornar para onde? Afinal, ele está em São Paulo ou no Junco? Essas interrogações ilustram a crise de identidade vivida por Nelo que, mesmo estando em São Paulo, vive psicologicamente como se estivesse em Junco; característica que colabora no processo de formação da personalidade do personagem.

Vale salientar que a identidade não é definida biologicamente, porém através de um processo histórico. “[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2008, p. 38). É possível perceber que Nelo assume identidades diferentes em diferentes momentos, elas são agregadas ao redor de um “eu” que busca um desenvolvimento profissional ou amoroso, ele deseja melhorias em sua vida, para tanto ele busca romper com seu local de origem.

É sob esse contexto que se define o sujeito pós-moderno, ele não possui uma identidade inata, permanente, ela é formada e transformada segundo a cultura vivida pelo sujeito. Rutherford (*apud* SILVA, 2007, p. 19) ressalta que “[...] a identidade marca o encontro do nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora”. Deste modo, cada experiência do indivíduo está de acordo com o contexto do qual ele é pertencente, e este é que influencia na sua maneira de pensar e agir, ou seja, é ele quem vai ditar o modo de ser dos indivíduos.

Para Nelo, São Paulo e Junco possuem os conflitos, ele já não sabe o que quer, nem o que fazer, o tempo tirou-lhe o lugar nas duas cidades, já não lhe era possível criar raízes e o personagem afirma: “— É por isso que não sei se volto ou

se fico. Acho que tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo” (TORRES, 2005, p. 124). Apesar de considerar São Paulo o símbolo do progresso e Junco do atraso, Nelo consegue perceber que a desilusão, o sofrimento, a falta de oportunidades é recorrente nos dois lugares, é então que ele prefere por um fim a sua própria vida.

1.2 Essa terra me ama e me enxota

O aspecto do Junco, a morte de seu irmão Nelo e o processo de migração narrados pelo narrador-personagem, Totonhim, revelam o olhar de quem está localizado em um lugar de pobreza e esquecimento, que não faz parte nem mesmo do mapa mundial. Para Totonhim, São Paulo é o oposto daquela localidade na qual ele vive. O narrador-personagem descreve o lugar, mas não apenas como mais uma paisagem nordestina, seca, repleta de miséria, a fim de justificar a partida dos moradores para outro lugar mais desenvolvido, no caso, São Paulo.

O cenário descrito por ele é, portanto, um lugar distante. Porém, apesar de os moradores persistirem em sair do Junco, Totonhim continua resistindo, sem querer migrar, mesmo com as insistentes adversidades. Assim narra seus infortúnios, ao lembrar a pior seca que houve no Junco, enfatiza, pois, tal fato com o trecho: “[...] esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno” (TORRES, 2005, p.15). Contudo, Totonhim, sua família e muitos outros moradores do Junco não desistiam, com as primeiras chuvas parecia que tudo melhoraria, porém o que houve foi uma espécie de dilúvio: “[...] a sezão e o impaludismo: desta vez o povo caía e morria tremendo, de frio” (TORRES, 2005, p. 15). Percebe-se que eles sofrem seja com a chuva ou com a falta dela.

Totonhim prossegue falando a respeito de sua terra, destaca ainda que o Junco é uma localidade na qual os habitantes não conseguem permanecer e que criar raízes profundas torna-se quase impossível, já que a pobreza e a falta de oportunidades naquele lugar são fatores que só favorecem a migração, em virtude disso as moças estão sempre com o olhar no futuro, ficam nas janelas:

[...] olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de

Alagoinhas e os homens da Petrobrás. [...] Tabaréu, não: rapazes da cidade.

[...] — Até as casadas enlouqueceram, e arrastaram os seus homens e suas filhas para as cidades — reclama-se na venda de Pedro Infante, o abrigo de todas as queixas. — Muitos maridos vão e voltam, sozinhos, com uma mão adiante e outra atrás. Sina de roceiro é roça. Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi (TORRES, 2005, p. 14-5).

Os que ficam enxergam com olhar de piedade, aguardam outros que migraram para que retornem para lhes tirarem desse contexto sofrido, as moças esperam rapazes, as mulheres casadas arrastam suas filhas para a cidade.

Para os moradores do Junco, a migração é um fato corriqueiro, eles se sujeitam a partir em busca de melhor qualidade de vida, entretanto, o sertanejo já está destinado a viver na roça, embora almejem melhorias, saem da sua terra e voltam com mãos vazias.

O traço marcante da parte “*Essa Terra me enxota*”, ao analisar o personagem Nelo, relaciona-se a não adaptação de Nelo à grande metrópole, em expansão com o capitalismo não o comporta, e ele se torna vítima da imaturidade, falta de preparação profissional e preconceitos vivido pelo protagonista, sendo obrigado a retornar para sua Terra Natal.

Depois da morte de Nelo, a família se muda para Feira de Santana, sua mãe é internada num asilo, mas isso não trouxe mudanças às suas vidas, contrariando o que se pensava, a pobreza persistiu. A roça, ainda que abandonada, ajudava nas despesas. Totonhim ganha pouco e seu pai, menos ainda, então, ao juntar o dinheiro que ele ganha com o do pai, não dava para sustentar os três irmãos menores, o dinheiro que ganhavam por mês, apenas custeava o asilo da mãe, diante desta situação Totonhim fica desesperado.

Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho. Tudo o que me restava era um imenso absurdo. Mamãe Absurdo. Papai Absurdo. Eu Absurdo. [...] Nelo, querido, não vou chorar a tua morte. Foste em boa hora. Agora eu entendo, é bem capaz que eu já esteja começando a te compreender.

— Saiba de uma coisa, papai. Eu vou embora.

[...] — Mas para onde você vai?

— Para São Paulo.

[...] — Você é igual aos outros. Não gosta daqui — falou zangado, como se estivesse dado um pulo no tempo e de repente tivesse

voltado a ser o pai de outros tempos. — Ninguém gosta daqui. Ninguém tem amor a esta terra. Ele tinha, eu sabia, todos sabiam. Passado o sermão, papai amansou a voz. Parecia mais conformado do que aborrecido: — Você faz bem — disse. — Siga o exemplo — Abaixou as vistas, sem completar o que ia dizer (TORRES, 2005, p. 167-9).

Totonhim reconhece que a sua vida e a da sua família tornou-se um imenso absurdo, a morte de Nelo fez surgir dificuldades, a mãe passou a apresentar sinais de insanidade mental, o pai desamparado e cheio de dívidas do enterro e do asilo. Porém ele não ia chorar nem mesmo a morte do irmão, porque entendia os motivos dele, uma vez que Nelo também vivenciou dificuldades que o fizeram migrar. Em São Paulo ou no Junco, o sentimento é o mesmo: decepção, desengano e fracasso, ou seja, são lugares absurdos.

Quando Totonhim resolve seguir o exemplo do irmão e ir embora para São Paulo, o pai reclama que nenhum dos seus filhos têm amor àquela terra, no entanto, apoia a decisão do filho. E, depois de reclamar, faz um momento de silêncio e decide incentivar a partida de Totonhim. O pai parece não ter certeza do que realmente desejava para a vida do filho, certamente por não saber se o trajeto seguido por Totonhim desencadearia no mesmo destino que o seu irmão Nelo. Porém, não tinha possibilidade de Totonhim continuar ali, ele teria que ganhar dinheiro para sustentar a família, em virtude disso ressalta “essa terra me enxota”.

Em virtude disso, pode-se afirmar que no romance *Essa Terra* há uma visão crítica das condições de vida dos moradores e da região, como também das relações instituídas pelos personagens consigo mesmo e com a sua localidade. Certamente, a miséria daquele lugar é advinda do processo político e climático/geográfico, da maneira como o mesmo repercute nos projetos de vida dos moradores; a ação migratória comum no Junco. A vontade e luta da mãe para os filhos estudarem, as dificuldades financeiras do pai, a partida de Nelo para São Paulo, são fatores relacionados à economia, e que, por consequência, afeta diretamente a vida e interesses de todos.

A migração da família tinha se tornado fato corriqueiro, Nelo foi o primeiro, depois seus parentes fizeram o mesmo, seguiram seu exemplo, apesar de não terem saído dos limites das terras baianas. É válido salientar que a miséria

vivenciada pela família devido à seca e a crise financeira levaram a linhagem de Nelo “fugirem” do Junco.

A miséria do sertão causada pelas secas e a falta de investimento político faz o sertanejo deslocar-se para as capitais, para a “terra prometida” em busca de melhorias, porém isso nem sempre acontece. Assim, em sua narrativa, Antonio Torres, através de personagens ficcionais, critica esse pensamento. Em *Essa Terra*, Nelo ressalta: “São Paulo não é o que se pensa por aí. Pelo amor de Deus tirem essa idéia da cabeça dele” (TORRES, 2005, p. 69). Percebe-se que a terra natal “enxota”, mas os moradores buscam maneiras de resistir e continuar lá.

CAPÍTULO 2

2 UM OLHAR SOBRE MARIA ELVIRA SOB A ÓTICA DA FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA

[...] – Aqui não é o meu lugar. E qual será? Onde será?
Quando será? (TORRES, 2005, p. 70).

Adeus, Velho, quinto romance de Antonio Torres, escrito no ano de 1986, aborda temas que remetem à realidade precária do povo nordestino, e, conseqüentemente, dos constantes deslocamentos. A obra narra a história de uma família que vive uma situação difícil no interior da Bahia, cujo pai é tradicional e de comportamento rústico, que busca educar os filhos sob os mesmos princípios e na mesma localidade onde ele residia, porém não conseguiu educar os filhos e os manter em sua cidade natal, como ele queria.

O desenrolar da história acontece envolvido em lembranças do passado. A obra é escrita de maneira que, à primeira vista, não é possível definir um eixo principal no que diz respeito à apresentação dos fatos, no entanto, existe uma ordem temática e nela pode-se destacar a história de Maria Elvira, uma das filhas do velho Godofredo, que não se contentou mais com a estagnação da vida rural e fugiu para Salvador, capital mais próxima e símbolo de desenvolvimento.

Evidentemente, na capital, Virinha não encontra a solução para seus problemas, todavia ela inicia uma luta diária pela sobrevivência. Assim, num lugar onde ela não encontra apoio de ninguém, uma vez que as pessoas atropelam-se umas as outras e não se sensibilizam com o sofrimento alheio devido à agitação da cidade grande; ela é acusada de um crime e vai presa injustamente, mais uma vez ela se sente só e deslocada, tornando-se um ser com a identidade fragmentada.

2.1 Virinha: Deslocamentos e Identidades

A obra apresenta, de forma acentuada, o jogo estabelecido entre o rural e o urbano, demonstrando o olhar da população rural que sobrevive num contexto marcado pela existência de perfis identitários contraditórios, a fome, a miséria e

muitas decepções fazem parte da realidade dos imigrantes, até mesmo da protagonista do romance.

A literatura contemporânea revela o caos vivido pelo homem moderno devido à aceleração do progresso, assim a arte da literatura simula a realidade. Para Villaça (1996), a abordagem literária pós-moderna transita em meio às projeções dos sujeitos representantes do real. Tal escrita tem ganhado força, é neste sentido que o romance *Adeus, velho* (1981), de Antonio Torres é identificado, já que, aborda temáticas que remetem o leitor à realidade precária do povo nordestino, seus constantes deslocamentos e consequentes transformações do perfil identitário.

Escrito no ano de 1986, o romance em estudo expõe a realidade da família do Senhor Godofredo, morador de uma cidade no interior do nordeste; ele é um homem rústico, que tenta educar os filhos para o trabalho. Entretanto, os filhos almejam um destino diferente, querem conseguir um futuro promissor em outras cidades, uma vez que compreenderam que o progresso está longe daquele lugar. Assim, seguiram em busca de melhor condição de vida. A personagem Maria Elvira (Virinha) fez o mesmo, partiu para a capital, pois considerava a vida naquela localidade “sem graça”, ela procura uma forma de fugir do estado de caos vivenciado no sertão.

No início da narrativa, a protagonista Virinha, menina de dezessete anos, mostra-se esperta, mas ao mesmo tempo ingênua, já que é iludida e desvirginada por um caminhoneiro que promete levá-la consigo; ela fica deslumbrada com a possibilidade de vivenciar outra realidade “[...] no mundo das cores, [...] das luzes. O mundo bonito. O mundo sabido” (TORRES, 2005, p. 11). Ela deseja ser diferente das suas irmãs, que se casaram muito novas e com homens inexperientes, queria casar, mas não com os “tabaréus” que viviam lá, o caminhoneiro era uma representação de progresso, era com isso que ela sonhava, com um homem civilizado e inteligente. No entanto, ele partiu sem sequer lhe dizer adeus, com ela ficaram o medo, a insegurança e o mesmo sonho: ir para a “cidade civilizada”. O caminhoneiro representava para Virinha a modernidade, o avanço, a vida na capital, porém como ressalta Berman, a modernidade também é ambígua, pois:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento [...] mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986, p. 15).

Para Berman (1986), o indivíduo moderno está num espaço que anuncia a transformação tanto de si mesmo quanto das coisas em redor, em virtude disso pode desfazer tudo que se é, como ressalta o autor. Deste modo, fica explícito que o sujeito moderno se constitui um indivíduo cheio de atribulações, fragmentações e incertezas que o liberta e prende, ao mesmo tempo.

Segundo Mercer (*apud* SILVA, 2007, p. 19), a questão de identidade pode ser apresentada como um problema quando o indivíduo está em crise, quando suas certezas são questionadas pela dúvida e incerteza. Este fato é ilustrado pela busca de identidade que é um fato constante na vida da personagem Virinha.

O conflito psicológico identitário da personagem aqui analisada a leva a não se encontrar em lugar algum, quando estava no interior queria migrar para a cidade, quando lá estava percebeu que sua realização estaria no interior, fato que não foi concretizado com seu retorno.

Virinha assume identidades confusas, almejando o bem estar pessoal e profissional, não apresentando coerência na totalidade do eu, já que a identidade é definida historicamente e não biologicamente, formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, adquirido no momento do nascimento, como argumenta Hall (2008). Virinha procura construir sua história, busca a construção de uma identidade independente, por meio de uma ruptura com o ambiente de origem – o interior. Essas questões estão intimamente ligadas às demais personagens da obra, que acabam representando personalidades de sujeitos fragmentados encontrados na narrativa.

As práticas sociais do sujeito são refletidas na sua condição de vida (transitável) e, conseqüentemente, na desconstrução identitária. Virinha não realizou nenhuma de suas propostas do início da obra, em que queria casar-se e ter uma vida alegre. Mas todas essas as situações que surgem no decorrer da sua vida, no interior e na cidade de Salvador, são julgadas como algo extremamente complexas.

O sujeito pós-moderno é definido como não possuindo uma identidade essencial ou permanente, esta é formada e transformada de acordo ao sistema cultural em que o indivíduo está inserido, sendo assim, cada vivência de um indivíduo permanece em plena conformidade com o que o contexto representa e influencia, nas maneiras de pensar e agir, sob influências sociais, culturais e econômicas. Rutherford (*apud* SILVA, 2007).

Um fator marcante que determina o rumo da protagonista é o desvirginamento que ela viveu em seguida o abandono, tal fato se fixa em seus pensamentos de tal forma que frequentemente ela ressalta: “– Ele me deixou. Por que será que ele me deixou?” (TORRES, 2005, p. 19). A narrativa é marcada pela confusão no pensamento de Virinha, mostrando-se frágil e ao mesmo tempo forte/decidida, afinal “Não havia de ser nada. Motorista de caminhão é que nem formiga. Atrás de um vem sempre outro” (TORRES, 2005, p. 22), e mais, poderia ter sido pior, lembrava-se das histórias ruins das moças que usavam uma banana verde ou espiga de milho, ela pelo menos tinha sido com um homem de verdade, além disso, poderia encontrar outro que a levasse para a cidade grande.

Virinha conseguiu, chegou à capital, porém, as coisas não eram como ela imaginava; as ruas eram bonitas como nos cartões-postais, mas ao mesmo tempo sujas, existia muita violência e também o cheiro gostoso do mar; tudo isso causa uma enorme confusão em sua cabeça, porém essa confusão se intensifica quando ela vai para prisão, acusada de matar o caminhoneiro que tirou sua virgindade, lá passa sessenta dias, sem visitas, sozinha. Maria Elvira, mais uma vez encontra-se fragmentada, passa a ser vista por todos como uma assassina fria e calculista, seu nome está em todos os jornais, de forma trágica ela sai do anonimato, passa a ser conhecida, ou seja, ela sai “Do barranco do cruzeiro para o mundo: Virinha agora era uma estrela nacional” (TORRES, 2005, p. 46).

Mais uma vez deslocada, ela sai da prisão, imaginando que tudo continuava como antes, o emprego à sua espera, os inquilinos frequentando sua pensão, a família para recebê-la, no entanto, ninguém aparece. Ela chega a preparar sanduíches e bebida para as pessoas, porém só o irmão Mirinho vai esperá-la na saída da prisão, os demais familiares e conhecidos chamam-na de puta, de mulher da vida; repudiam seu comportamento. Virinha percebe que as coisas não são simples como imaginou, e que a realidade que a espera na sociedade será marcada constantemente pelo assassinato que mesmo não tendo cometido, foi acusada.

A teoria de Bhabha (1998) sobre o sujeito pós-moderno, torna-se relevante na análise da personagem em questão, uma vez que, para o autor, o ser humano encontra-se em trânsito, num lugar onde espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas, cujas identidades são extremamente fragmentadas, em um constante processo de construção. É justamente por isso, que o sujeito sente sensação de desorientação ou até mesmo de exclusão. É assim que Virinha se

sente: solitária, abandonada por todos, desempregada e tendo a sua imagem explorada pela mídia. Fromm (*apud* GIDDENS, 2002, p. 177) afirma:

O indivíduo deixa de ser ele mesmo: adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais; e, portanto torna-se exatamente igual a todos os outros e ao que os outros esperam que ele seja.

O fragmento acima mostra a realidade vivenciada pela personagem, pois até mesmo quando está dormindo, seus sonhos revelam uma identidade fragilizada, deslocada, sem o apoio de ninguém, sem emprego, com uma vida de insucessos: “[...] porque sentia as idéias [*sic*] tão atrapalhadas? Cinema, teatro, boate, praia, restaurante clube, bar. Está tudo aqui. Mas é para quem pode. E quem não pode se sacode” (TORRES, 2005, p. 84); e Virinha estava lá: “[...] ao pé de um balcão, indecisa, perdida, a cabeça a vagar por um resto de tarde sem qualquer proposta ou futuro” (TORRES, 2005, p. 109). Nesse sentido, fica bastante perceptível a instabilidade no perfil identitário da personagem Maria Elvira.

2.2 As múltiplas identidades de Maria Elvira

Sabe-se que através da obra literária tem-se uma representação do social que destaca uma determinada época, transportando marcas através do imaginário. Moisés (2001) afirma que o autor compõe a paisagem da estrutura humana, visto que ele abre os olhos e vê a realidade e esta é representada com uma originalidade marcante; Wellek (2003) confirma este pensamento, ao afirmar que a literatura é uma instituição social que usa a linguagem como veículo para sua criação. Desse modo, a modernidade inspira os escritores a criar as suas obras e nelas inserir marcas dessa época, em que a conduta humana constrói um caminho imbricado, numa identidade fragmentada ou deslocada.

Vale salientar que o sujeito contemporâneo vivencia o caos, isso em decorrência da aceleração e transformação do mundo moderno. Assim, o indivíduo tornou-se descentrado, confuso, o que reflete sua própria identidade. Deste modo, HALL (2007, p. 108) argumenta que “as identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente oscilando entre mudança e transformação”. Referente a isso, faz-se necessário analisar as crises identitárias do

homem moderno, fruto da globalização e do processo de inovação cultural e social, elas têm contribuído para a transformação e fragmentação de indivíduos pelos mecanismos que os cercam.

Ao observar o percurso da personagem Virinha, na narrativa do romance, pode-se observar que ela é a representante tanto do campo (visto como atrasado) quanto da cidade (representada pelo progresso), mas todo o processo de deslocamento dela e dos irmãos para outros espaços provoca mudanças bruscas, tanto sociais quanto psicológicas, já que ela não se considera “tabaroa”, tampouco civilizada, e todos da sua família: “[...] nasceram com a ilusão de que poderia viver outros sonhos: ah, Bahia, eu não sou daqui [...] eu não sou da cidade, de São Salvador” (TORRES, 2005, p. 65).

Segundo Hall (2006), atualmente as sociedades têm sofrido mudanças constantes e rápidas. E, tais aspectos contribuem bastante para que ocorra o processo de crise de identidade do sujeito que entra em contato com as mudanças vigentes, por isso, durante toda a narrativa, Virinha não desempenha uma identidade definida, fixa, ela se fragmenta de acordo com as turbulências que vai encontrando em seu caminho.

Quando o senhor Godofredo morre, todos regressam ao interior onde moravam, para o enterro. Durante um passeio pela cidade, Virinha e Mirinho, percebem que, mesmo diante de tantas dificuldades, eles eram felizes naquele lugar, a experiência fora fez perceber que os inúmeros problemas acabam frustrando seus sonhos, por exemplo, ela até pensa em se casar, mas se lembra que já está velha e que o sonho não se realizou, foi abandonada pelo motorista, ela diz que não se casou para não ser escrava do homem. Embora ela apresente o perfil de mulher independente, diz que até poderia se casar com Janjão e morar lá, mas agora ele tem mulher e filhos:

[...] eu hoje me casava com aquele caboco. Ele é gordão e feião, mas quando abre a boca, meu Deus, que homem bonito.
– E vinha morar aqui com ele? – Sei lá. Tanto faz. Aqui, Salvador, já não me importa (TORRES, 2005, p. 155).

A narrativa de Antonio Torres é fiel em descrever a realidade vivida pelo nordestino, em vários aspectos, não pode deixar de ser frisada a necessidade de busca da personagem Virinha pelo próprio destino, ilustrando o processo migratório

que é comum na realidade apresentada pelo autor. A crise de identidade enfrentada pela personagem faz parte de um processo amplo de transformações, que a sociedade moderna enfrenta. Hall (2008) argumenta a existência de identidades paradoxais que geram identificações deslocadas no indivíduo, exceto quando este estabelece uma comodidade natural consigo mesmo.

Importante salientar que o estilo da narrativa se apresenta fragmentado, uma vez que a história é narrada a partir da memória de Mirinho, através desse artifício tornou-se possível revisitar o passado da família, à medida que vão chegando as lembranças ele narra os fatos vivenciados por sua família no interior da Bahia. Fica bastante perceptível que Mirinho e Virinha possuem o mesmo perfil psicológico.

2.3 Caracterização da narrativa e personagens de *Adeus, Velho*

A desestruturação na narrativa literária é comum na escrita pós-moderna, segundo Connor (2000), o escritor tem a liberdade de criação para desenvolver seu trabalho e tornar sua escrita uma obra de arte. Ressalta ainda o estreitamento entre tempo e espaço, afirmando que a narrativa é não linear. Tal (des)construção é um recurso utilizado constantemente pelo autor na construção da narrativa, atribuindo à obra características próprias.

Analisando a personagem Virinha, verifica-se a representação de uma realidade recorrente nesse universo contemporâneo, a busca da ascensão pessoal, a idealização de que através da migração existe a possibilidade de encontrar uma região que pode oferecer melhores condições de sobrevivência, porém, nem sempre o indivíduo possui a preparação e formação adequada para esse desenvolvimento buscado.

A partir dessas discussões, pode-se observar que as teorias de Hall e Bhabha integram-se e confirma-se reciprocamente o que diz respeito ao sujeito pós-moderno e, conseqüentemente, a posição de Virinha no que concerne ao processo de caracterização e análise da personagem.

Desse modo, a figura de uma mulher da contemporaneidade, é apresentada na narrativa sob a ótica de uma identidade em constante construção e, conseqüentemente, fragmentada, por envolver realidades divergentes e até mesmo complexas, em que o seu psicológico não está preparado para enfrentar, daí o motivo de não se adaptar.

As teorias sobre identidade e fragmentação do sujeito apresentadas nessa discussão foram utilizadas para repensar a questão identitária como algo que está em constante formação, inacabado, constituído pela participação e influência do contexto sociocultural que, direta ou indiretamente, preenche o interior dessa identidade e que, por meio desse processo em andamento, são construídas novas identidades, ao serem visualizados novos mundo e possibilidades.

Numa análise clara, percebe-se que a situação de vida da personagem com seus deslocamentos, ultrapassam barreiras horizontais de obediência e tem os seus sonhos frustrados. Virinha acomoda experiências que contribuem para que se construam identidades inconstantes, tornando a identidade móvel e difícil de ser detectada.

Esse aspecto descrito a respeito da obra põe-se em consonância com o perfil do sujeito contemporâneo apresentado, que permanece em constante desarmonia com o meio em que está inserido, bem como a linguagem permanece em constante conformidade com a realidade abordada, pois revela a pouca instrução dos personagens e a situação social já descrita, nesse estudo.

Em uma leitura mais ampla de *Adeus, Velho*, pode-se considerá-lo o romance da desagregação familiar, da sua decadência, da crise instaurada nesse núcleo social, por via de vários fatores. A falida estrutura da sociedade, do Estado, é representada principalmente no tocante à aplicação de políticas públicas para o homem nordestino do campo, que vive as dificuldades sócio-culturais intensificadas por fatores climáticos ambientais. *Adeus, Velho* é um livro forte, envolvente, real, que envolve o leitor de forma perspicaz. A personagem Maria Elvira ilustra os confrontos psicológicos vividos por grande parte de nordestinos, baianos, tanto contemporâneos como de outros períodos históricos, uma vez que migração não é uma questão moderna, faz parte da construção da história do Nordeste, como consequência das dificuldades ocasionadas pelas secas e longos períodos de estiagem.

Em sua narrativa não linear, Torres usa de grande liberdade temporal e espacial, o que comunica aos seus romances uma instabilidade necessária. Confrontos e entrechoques entre o Brasil arcaico e o Brasil moderno permanecem na obra *Adeus, velho* (1986). O autor retrata a estrutura familiar patriarcal falida, em que a presença do pai exerce grande poder centralizador, porém não consegue

exercer o controle familiar como almejado, situação fortalecida principalmente no interior, como retrata o autor.

A protagonista Virinha é representada de forma peculiar na obra de Torres. Ilustra a luta da mulher na sociedade corrompida por valores forjados pela competição, aceita como normal, num mundo em decadência, que apresenta pobreza, miséria e degradação, como males naturais coletivos ao povo do nordeste brasileiro, mostrando o caos vivenciado pelo sujeito contemporâneo, em decorrência do processo de transformação do mundo moderno. Tais fatos desencadeiam na fragmentação dos personagens envolvidos na obra, e de forma particular Maria Elvira.

CAPÍTULO 3

3. NELO E VIRINHA: identidades cruzadas?

O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui (Albuquerque Jr.).

Os romances *Adeus, Velho* e *Essa Terra*, de Antonio Torres, são obras que se cruzam em suas temáticas, ambas apresentam personagens desfocados de seu *habitat* natural, almejando a busca por melhores condições de vida no processo migratório. A migração como alternativa de crescimento, possibilidade de melhoria da qualidade de vida fugindo de longos períodos de estiagem e sofrimento. Na primeira obra mencionada, o destino da personagem aqui analisada, Maria Elvira, é Salvador, lugar em que a personagem enxerga a personificação da civilização, da modernidade, do futuro; já na segunda obra esse mesmo papel ideológico é representado por São Paulo, local que o personagem vislumbra desde pequeno, buscando se encontrar e possuir realização pessoal e profissional. Os pontos abordados pelo autor nessas histórias ilustram a realidade do nordestino, baiano, assolado pela seca e pobreza, que julga encontrar a realização fora de sua terra, o que percebe posteriormente ser uma ilusão. Os traços da narrativa focados pelo autor serão neste capítulo discutidos, através da análise de pontos que são apresentados em ambos os personagens.

3.1 Descaminhos narrativos

Tanto o romance *Adeus, Velho* (1986), quanto o romance *Essa Terra* (1976) nos propiciam diversas leituras em suas narrativas. Entre elas é válido destacar a fragmentação do sujeito, o processo de multiculturalismo gerado pelo deslocamento das pessoas, a modernidade como propulsora da mobilidade humana, o uso de

memórias (metamemória²) para (re)significar uma vida num lugar “parado” como o Junco, e o processo de desterritorialização causado pela “imediaticidade” que move o mundo moderno/contemporâneo. Em “Floração de imaginários”, Jorge Araújo afirma: “[...] *Adeus, velho* é uma extensão do ciclo de êxodos e expatriamentos dos sertanejos para outros destinos, ciclo aberto por Antonio Torres com *Essa Terra*” (2008, p. 293).

Em *Adeus, Velho*, a narrativa é construída ora em 3ª pessoa, ora a partir de narrações de Mirinho sobre o passado da sua família e sua irmã Virinha, no interior da Bahia. Em *Essa Terra*, a narrativa é construída a partir de fragmentos de lembranças do narrador-personagem apelidado de Totonhim, e dos diferentes gêneros ou modos de contar: as cartas de Nelo, o irmão mais velho, diálogos entre parentes e as descrições da pequena cidade do Junco.

Diante da multiplicidade e da inconstância dos acontecimentos, a escrita dos romances também se fragmenta, deixando-os próximos da realidade. Embora sejam obras ficcionais, o autor dá “autenticidade” aos fatos e, segundo Eco “[...] uma ação [...] por não ter respaldo na vivência, estaria desprovida de autenticidade” (1994, p. 39), mas se pode perceber que esse é um artifício literário, utilizado na escrita para aproximar a obra literária da vida cotidiana. O autor acima citado define ficção como:

[...] uma narrativa em que as personagens realizam certas ações ou passam por certas experiências e na qual essas ações e paixões transportam a personagem de um estado inicial para um final (ECO, 1994, p. 40).

Torres dispõe muito bem desse artifício literário, quando o narrador faz referência a uma gama de lugares da vida real. Nos dois romances, a trama se passa no interior e na capital. Em *Essa Terra* ele cita Junco, atualmente chamada de Sátiro Dias, lugar onde nasceu o escritor; Alagoinhas, cidade mais próxima, Feira de Santana, onde se desenrola parte da trama e São Paulo como o destino dos “expulsos” do sertão, pelas questões sociais e econômicas.

Em *Adeus, Velho*, o autor centra a narrativa no sertão, que é a grande característica de suas obras: a composição do cenário nordestino, e quando relata

² O termo metamemória é utilizado por Candau, significando as diferentes maneiras de acessar a memória; cada pessoa conta um determinado episódio de maneira diferente, mesmo todas vivenciando da mesma forma. Informação oral obtida na aula do Prof. Aldo José em 26/10/2011.

até mesmo a distância que as personagens estão da capital; dizendo “[...] estávamos apenas a duzentos e oito quilômetros de distância” (TORRES, 2005, p. 83). Assim, cita alguns nomes de cidades próximas, dando definições, situando o leitor num espaço físico e humano do interior baiano.

Essa Terra é um romance com tempo psicológico, construído a partir de relatos do narrador-personagem Totonhim, sobre a volta do seu irmão Nelo à cidade do Junco, o qual descreve a infelicidade por seu insucesso financeiro e amoroso em São Paulo. Nelo chega a dizer para seu irmão mais novo: “[...] vivi e morri um pouco todos os dias, no meio da fumaça, no meio do dinheiro, não sei se fico volto, não sei se estou em São Paulo ou no Junco” (TORRES, 2005, p. 63). Esses constantes distúrbios ocasionaram o suicídio.

Na obra *Adeus, velho* a narrativa também é configurada de forma aleatória. A personagem *Maria Elvira* encontra-se nesse mesmo conflito na “cidade grande”, vendo os seus sonhos frustrados, abatida pelas dificuldades e ciladas encontradas. É perceptível sua falta de identidade, quando ela sai da cadeia e não sabe o que fazer.

Pior do que está se sentindo envergonhada era ter de suportar a insegurança e o medo. Medo do trânsito. Medo as ruas. Medo das pessoas. Medo de que lhe apontassem: - É ela. É ela, sim. Medo da polícia, dos fotógrafos, dos repórteres, cinegrafistas, dessa gang toda. Medo de que o pessoal que alugava os seus quartos não tivesse dinheiro para lhe pagar (TORRES, 2005, p. 166).

A situação psicológica de fobia vivida pela personagem Virinha é claramente percebida no trecho acima, sua condição de instabilidade gera insegurança, que reflete no medo de tudo, medo do mundo que ela outrora julgou perfeito, ideal. A cidade grande a descentralizou, diante de tanta coisa vivida, agora a personagem sente medo desses componentes da modernidade.

Essas obras são recriações do universo sertanejo, pois buscam por meio da ficção, apresentar aspectos físicos, sócio-econômico, políticos, linguísticos e culturais do sertão, porém, em dois extremos: de um lado há exaltação, e por outro existe muito pessimismo. É possível perceber que o sertão representado nessas obras está “modificado” pelo desenvolvimento, porém mostra, como ressalta Vânia Pinheiro no pós-fácio de *Essa Terra*: “[...] a realidade física e humana do sertão, sob

uma visão contemporânea e heterogênea [...]. Daí a existência não de um, mas de muitos sertões na Literatura Brasileira” (2005, p. 174).

Nesses sertões (ainda que considerados ‘modernizados’), existe como podemos ver em *Adeus, velho*: “Tanta escravidão, quanto sertão, tanto não, quanto nada, tanto agreste, quanta estrada, [...] tanta seca, tanta queimada” (TORRES, 2005, p. 70). A miséria do sertão, causada pelas secas e a falta de investimento público, faz o sertanejo deslocar-se para as capitais, para a “terra prometida” em busca de melhorias, porém isso nem sempre acontece, como Torres, a partir de personagens ficcionais, faz uma crítica. Em *Essa Terra*, Nelo ressalta: “São Paulo não é o que se pensa por aí. Pelo amor de Deus tirem essa idéia [sic] da cabeça dele” (TORRES, 2005, p. 69).

Os descaminhos vividos pelos personagens do romance são marcantes, projetam conquistas na cidade grande, relacionamentos bem sucedidos, mas o que encontram é um mundo novo e traiçoeiro, que não os aceitam, que os expelle, obrigando-os a retornarem para a realidade que não aceitaram, as suas terras de origem.

Numa visão mais genérica, observa-se que as sociedades humanas e modernas vivem em constantes deslocamentos, seja por questões de expulsão ou por condições de trabalho, e isso faz o mundo e suas culturas transformarem-se. É isso o que se ambiciona evidenciar neste trabalho.

3.2 As sociedades contemporâneas movidas pelo processo de desterritorialização

O termo desterritorialização está associado à fuga do indivíduo de sua terra de origem, o que permite associá-lo ao processo migratório, fato que está diretamente ligado à sua necessidade de modificar a realidade vivenciada, como se mudar de território muda sua realidade: seus problemas, suas dificuldades. Em consequência, emerge a necessidade de situar-se em novo território, envolvendo o processo de adaptação, o que vem a ser a reterritorialização, processo que o autor apresenta em ambos personagens aqui analisados.

O conceito de desterritorialização descritos pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guatari (*apud* HAESBAERT, 2011) caracteriza a saída de um território como fuga das estruturas sociais, o que implica num outro processo: a reterritorialização.

Considerando o fato de que o homem se desloca do seu espaço (seja de trabalho ou moradia), logo precisará de outro para se estabelecer.

Esse processo de deslocamento do “seu” espaço cultural, do seu ponto de origem, conseqüentemente o fará mediador das diferentes culturas, ele carrega consigo seus costumes, crenças, modos, que serão transmitidos para as outras pessoas, assim como também adquirirá outros, advindos dos que mantiveram contato. Renato Ortiz (2005, p. 32) afirma esta ideia quando diz: “O viajante é um intermediário; ele coloca em comunicação lugares que se encontram separados pela distância e pelos hábitos culturais”. O que causa a troca entre as culturas é justamente o movimento das pessoas, o autor diz ainda que essas pessoas saem “[...] de um mundo para penetrar em um outro inteiramente diferente” (ORTIZ, 2005, p. 30).

O processo migratório do personagem Nelo, vivido em *Essa Terra*, ilustra fielmente esse contexto, idealizando mudar as circunstâncias de vida em São Paulo, o personagem migra, porém, não se adapta às circunstâncias necessárias para uma consolidação bem sucedida na terra com que sempre sonhou, confundido com bandido, apanha da polícia impiedosamente, o que o remete naquele instante à toda sua infância e o segura em sua zona de conforto: o seu Pai, ou seja, mesmo estando em terra alheia, buscando sonhos de toda uma vida, o personagem ao sentir-se frustrado, injustiçado, percebe que sua zona de conforto se encontra na Terra que ele sempre sonhou abandonar, e esse é o fato que o faz retornar, e retornando percebe que já não se encontra nem em Junco, nem São Paulo, tal fato leva-o a cometer suicídio.

Virinha ao retornar a sua terra natal, devido ao seu fracasso, não se encontra, percebe que o que não valorizava antes, hoje valoriza: o casamento, o marido “tabaréu”, que antes não servia para ela, hoje poderia ser o seu ideal de felicidade, mas já é tarde, e Virinha se encontra perdida no universo que um dia deixou.

Em *Adeus, velho*, pode-se perceber que o narrador apresenta a personagem Virinha como sendo encarregada de exercer o papel de mediadora entre a cultura do interior e da capital:

[...] o seu sotaque, de longe denunciava uma tabaroca da roça. Todos esses anos lhe ensinaram uma porção de palavras civilizadas, mas ah, como dizê-las sem carregar a fala? Vez por outra alguém

perguntava se ela era sergipana, alagoana, paraibana, pernambucana – e ela sabia muito bem o que estava por trás das perguntas, o que isso significava. Sotaque carregado, nordestino retado, povo brabo. A Bahia eram duas: a do interior e a da capital. A da capital fala cantando [...] um jeito doce, mais educado. O interior tem voz áspera, dura [...]. É a voz da seca (TORRES, 2005, p.168).

Já em *Essa Terra*, quem exerce esse papel é Nelo:

Chego e interrompo a velha e sincera conversa do hoteleiro. Também foi sincero o sorriso do recém-chegado, ao apertar a minha mão. – Muito prazer - ele diz. Costumes de outras terras, eu penso, balançando a cabeça de um lado para o outro, abismado. Quase respondo: - Muito obrigado - como fazem os homens da roça, ao serem cumprimentados por um desconhecido (TORRES, 2005, p. 19).

Neste caso, o motivo de deslocamento do Junco, o espaço físico que permeia as narrativas, é a assolação da seca e da falta de trabalho, ou mesmo a busca pela liberdade. Os protagonistas das narrativas são separados do meio familiar, depois de uma longa estadia distante (Nelo migra pra São Paulo, e Virinha migra pra Salvador), enfim regressam à sua terra de origem. Porém já não conseguem mais se identificar, se encontrar nela, a cidade a qual deixaram está muito diferente, cresceu, modernizou-se.

Nelo se coloca em dúvida, portanto se encontra no entre-lugar, Conceito empregado com a finalidade de dizer “sem lugar definido”. Termo utilizado por Silviano Santiago, no livro: *Uma Literatura nos Tópicos* (1978, p.19) “O entre-lugar é uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo para aprender o hibridismo, fruto de quebras de fronteiras nacionais”, e Virinha, voltando ao interior para o enterro do seu pai, vê-se na mesma situação:

[...] Virou-se pata trás e ficou olhando para o cruzeiro as suas costas. Também não era o mesmo. Diminuíra. Envelhecera. Não se tratava mais de uma cruz poderosa, assustadora, que um dia já lhe metera tanto medo, apesar de nunca ter compreendido por quê. (TORRES, 2005, p. 230).

- Sei lá. Tanto faz. Aqui, Salvador já não me importa (TORRES, 2005, p. 233).
- É por isso que não sei se volto ou se fico. Acho que agora tanto faz. Por que o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora esta comendo o lugar que deixei em São Paulo. Deu para você entender, Totonhim? (TORRES, 2005, p. 124).

Percebe-se que, tanto Virinha quanto Nelo, não era o mesmo, as suas leituras de mundo haviam mudado, as suas bagagens trazidas do processo migratório eram outras, o olhar que eles estavam tendo sobre as suas localidades não eram os mesmos, mas mesmo assim, sabiam que era aquilo que buscavam no momento, mesmo não sabendo se era aquilo que buscavam de forma definitiva, que almejavam, e Nelo ainda apresenta uma confusão indenitária em maior grau, não sabe se o seu lugar é de onde partiu, ou onde retornou, o que desencadeia no suicídio.

Este é o sujeito pós-moderno, caracterizado por Hall:

[...] como não tenho uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel'. Formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (2008, p.12-3).

O sujeito vive em constante conflito com o seu "eu", já não se reconhece mais. É como se estivesse em frente a um espelho quebrado. Para Magaly Gonçalves (2005) esta é a grande marca da escrita pós-moderna, a perda de unidade e sentido tanto do eu como do mundo. É evidente, na narrativa torreana, a busca identitária deste sujeito que, transformado pela condição de sua época, torna-se um indivíduo, segundo Hall (2008, p. 9), fragmentado, formado de múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, o autor ainda ressalta:

[...] esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito, e essa descentração se refere tanto ao seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo.

Este é o sujeito pós-moderno e em constante mutação, que não perdeu os valores nem sua origem, mas ganhou valores culturais globais. Hall (1997) discute acerca da centralidade da cultura em esfera global, retrata as transformações cotidianas e locais, assim como a formação da identidade e da subjetividade. Segundo ele, as identidades são formadas através das representações culturais e as subjetividades são formadas a partir de modo discursivo.

Sendo assim, não configura na perda total da sua identidade, mas numa junção com novos valores, que transformam o sujeito em múltiplos; ou seja, ele não perde a centralidade dos seus, mas ganha novos valores, uma vez que, como diz Figueiredo e Noronha³, hoje se fala em identidade e sim em identificações, isso devido à constante mutação do homem, pois, “[...] uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida”.

O sujeito desterritorializado, agora com sua identidade fragmentada não possui mais seu lugar exato no mundo, ele rompe com o marasmo das sociedades românticas que viam o homem como um ser homogêneo formado de uma única identidade passando a ser um sujeito “mundial”, ou melhor, globalizado. Esta identidade é característica de uma civilização. Como afirma Renato Ortiz: “A modernidade é descentrada, centrípeta. Neste sentido ela difere das antigas concepções de mundo” (ORTIZ, 2007, p. 52).

As culturas se tornam cada vez mais universais, as Ciências Sociais e as artes, mas especificamente a literatura, procuram evidenciar os novos valores das culturas, que se formam por meio da hibridação. Canclini (2008, p. 24), ao relatar tal assunto, faz o seguinte questionamento: “Para que vamos ficar nos preocupando com a pós-modernidade se, no nosso continente, os avanços modernos não chegaram de todos nem a todos?”. Entretanto, embora a modernidade seja notória, ela ainda não chegou a muitos lugares. As obras aqui analisadas ilustram essa realidade discutida, escritas nas décadas de 30/ 40 apresentam uma realidade atual, na qual a modernidade não conseguiu extinguir por completo a migração da realidade nordestina, o que deixa as discussões nos romances polêmicos e bastante atuais.

³ FIGUEIREDO, Eurídice. NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Identidade nacional e identidade cultural.** Disponível em <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/portugues/revista/leitura.asp?CodObra=102&CodRev9>>. Revista Psicanálise e Barroco. Ano 5, número 9, p. 2.

3.3 O sujeito Globalizado como consequência do desenraizamento cultural

Falar de desenraizamento requer que se analise esta metáfora, sob a ótica da linguística, *desenraizamento* tem por radical *raiz*, que pode significar princípio, base, origem, enfim, toda raiz precisa de algo para fixar-se.⁴ Nos estudos das identidades culturais contemporâneas o sentido do sintagma raiz ganha outras significações, considerando que os sujeitos contemporâneos não possuem propriamente raízes, e sim referências, a isso se deve sua constante mobilidade no mundo. Nessa perspectiva que será analisado os deslocamentos dos personagens nos romances analisados.

A localização psicológica dos personagens nas obras (Nelo, Totonhim e Virinha, Mirinho) é simultânea ao paradoxo do ser humano no mundo pós-moderno e globalizado, ambas não fazem fronteiras, contribuem na formação do sujeito que não pertence a apenas um espaço físico e sim pertencente ao universo. Porém, os personagens não se percebem dotados de múltiplas identidades e sim, num constante conflito com seu “eu” e descentrados, como se estivessem sendo obrigados a conviver num eterno estado de solidão devido à perda de “algo” (identidade, emprego, terra natal/casa etc.).

Ao teorizar sobre memória e genealogia, Candau (2011, p. 137) afirma que a mesma pode ser definida como “[...] uma ‘busca obsessiva de identidade’ e se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de se distanciarem de suas raízes””. Percebe-se isso nos personagens, eles estão em constante “jogos identitários” no presente, devido ao seu passado. O autor adverte que as próprias noções de ‘identidade’ e ‘memória’ são ambíguas, já que elas estão submissas ao termo “representações”, aquela a um ‘estado’ e esta a uma ‘faculdade’ (CANDAU, 2011, p. 21).

Este fato é ilustrado claramente por Antônio Torres, nos personagens Virinha e Nelo, estes se distanciam de suas raízes na busca de se encontrarem no processo migratório. Descobrem que não se identificaram no novo mundo e buscam o retorno, como ponto de referência, de apoio, já que este novo mundo não os aceitou, aspergiu-os, vomitou, pois não eram condizentes com a realidade vigente.

⁴ Informação oral obtida na aula da Prof^a Ms. Eugênia Mateus de Souza, durante a Especialização em nível de pós-graduação em Literatura Baiana.

Nesse jogo contemporâneo, se ganha, porém, em troca perde-se algo. Este “movimento” de globalização contribui para a construção das “multi-culturas” da sociedade moderna, os objetos que são comprados, o povoamento das cidades, todos esses fatores são características de uma civilização que se desterritorializou e conseqüentemente se reterritorializou em um determinado local ou espaço, tornando suas culturas híbridas, ao falar sobre hibridização cultural Hall (2008) afirma: “[...] elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)”... Ortiz (2005, p. 69) esclarece que:

A mobilização é um dado, ou melhor, uma exigência de um determinado tipo de civilização. Nesse sentido, as sociedades contemporâneas vivem uma territorialidade desenraizada, seja entre as faixas de espaços, descolados dos territórios nacionais, seja nos ‘lugares’, atravessados por forças diversas. O desenraizamento é uma condição de nossa época, a expressão de um outro território.

Assim, Torres, em seu discurso literário ficcional, apresenta os aspectos físicos, sociais, econômicos, políticos e culturais de um povo – o sertanejo – para representar como a busca da felicidade terrestre, ainda que frustrada, é que estimula a mobilidade humana. O desenraizamento é só mais uma consequência desses constantes deslocamentos, não sendo mais tão importante, já que os indivíduos carregam suas culturas consigo, em qualquer parte do planeta, contribuindo assim no processo de transculturação⁵, ou seja, o intercâmbio, a hibridação das culturas em geral. Esses fatores ocorrem quando o indivíduo adota outra cultura, o que não significa perda total da que outrora carregava, mais sim a incorporação de novos modos de pensar, agir e de ser, tudo isso se inter-relaciona para modificar o ser humano.

É válido ressaltar que o discurso ficcional torreano remete o leitor a pensar a identidade do próprio autor, já que em *Essa Terra* ele coloca como narrador personagem Totonhim (apelido dado geralmente a quem é chamado pelo nome de

⁵ O termo transculturação é utilizado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, para ele o vocábulo transculturação “[...] expressa as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura [...], mas implica também a perda ou o desligamento” (ORTIZ, 1963, *apud* RAMA, 2001, 216).

Antônio), também reflete o drama de uma família numerosa, moradora de uma pequena cidade (Junco), local onde nasceu o escritor. A mudança para uma cidade próxima e mais desenvolvida para cursar o ginásio, a emigração para o sul (como fez Torres), ou seja, vê-se que a narrativa ficcional está repleta de elementos caracterizadores da identidade de Antonio Torres, isso porque o autor “alimenta-se” da vivência para compor a obra.

Torres traz as questões do Nordeste numa perspectiva contemporânea, apresentando o estado de eterna solidão do indivíduo, diante das constantes mudanças por que passa o mundo com os processos de globalização, mundialização, desterritorialização e reterritorialização. Fica explícito no personagem Nelo ao sentir-se só, quando diz: “Não é a Terra que gira. É a minha cabeça. Como se eu estivesse caindo de bêbado.” (TORRES, 2005, p. 149), também na personagem Virinha quando o narrador ressalta: “[...] Nunca, em tempo algum, havia se sentido tão só. Ia chorar” (TORRES, 2005, p. 177). Tanto Virinha quanto Nelo viram seus esforços não valerem à pena, por isso estavam confusos, sentindo-se sozinhos, em pânico.

Portanto, Torres retrata como elementos favoráveis ao desenvolvimento do sertão o avanço das tecnologias. Os personagens de *Adeus, Velho e Essa Terra*, já não partem em retirada como descreve Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* e Jorge Amado, em *Seara Vermelha* (em mortíferas caminhadas pelo sertão rumo ao Sul). O destino é o mesmo, porém em condições menos desgastantes, tais personagens seguem agora em caminhões, carros ou ônibus em busca da “Terra Prometida”. Isso, embora já tenham consciência de que “São Paulo não é o que se pensa” no Nordeste (este é o lugar da saudade, da rememoração e da tradição) onde, com a seca, o homem se submete à natureza, enquanto aquele, é o local de fábricas e do desenvolvimento, ou seja, o homem é quem domina a natureza.⁶

Segundo Araújo (2008), em *Essa Terra*, as histórias brotam aos borbotões, vívidas, carregadas de sentido, ricas de conteúdo humano, imaginosas e vigorosas como uma força bruta da natureza, marcando nitidamente o contraste entre o interior - de estrutura feudal, miserável, mas de valores e feições humanamente reconhecíveis - e São Paulo, sem rosto nem forma, um falso Eldorado onde ganhar a vida significa perder o seu sentido. E é nessa perspectiva que Torres traça uma

⁶ Discussão oral sobre a “Invenção do nordeste e outras artes” de Albuquerque Júnior, na aula do Professor Aldo José em 29/02/2011.

linha imaginária entre São Paulo X Junco, Salvador X Interior da Bahia, mostrando as expectativas, anseios, realidades, frustrações, e percepção do enraizamento situacional nos personagens Virinha e Nelo. A migração é um fato comum em Junco, a miséria do lugar abala as raízes de seus habitantes que lançam um olhar para as grandes cidades e enxergam nelas o solo que acreditam ser mais nutritivo para suas necessidades e sonhos.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Da análise comparativa das obras de Antonio Torres: *Adeus, Velho* e *Essa Terra*; conclui-se que o autor utiliza vários recursos marcantes (não linearidade, narrativa ora em primeira, ora em terceira pessoa) presentes em suas narrativas, para presentear o leitor com um contexto real, enigmático em que se encontram e desencontram, através de protagonistas de obras distintas, porém muito próximas. Até a finalização dos enredos, acontece de forma semelhante, o tradicionalíssimo desfecho, resume o destino de certas personagens que entraram no tablado, desta maneira o desenlace constituiria mesmo um adeus, a constatação do fechamento de um ciclo, em que o velho esteve sempre presente, crescendo de mera alusão episódica para o lugar central, tentacular, que ocupa em *Adeus Velho* e também não está distante em *Essa Terra*.

Ficou evidente que a narrativa é fragmentada, atemporal e tal ação acaba por fragmentar também os personagens, estes são apresentados em ambas as obras num processo cíclico: ora vai, ora volta, e cada personagem funciona como um coadjuvante indispensável para o encadeamento da ficção de Torres.

O autor descreve com precisão a vida no interior, assim como as pessoas que permeiam a cidade (às vezes até sem nome), como em *Adeus, Velho*. A informação que se tem é que está situada a duzentos e oito quilômetros da capital, Salvador, a tão sonhada metrópole desenvolvida, portadora da felicidade que os personagens vislumbram.

A insatisfação, a falta de realização pessoal e profissional na metrópole, que gera o retorno dos personagens das obras estudadas, constituem fatores cruciais para o cruzamento de destinos de Virinha e Nelo, ambos possuem um desfecho de desencantamento, gerando o suicídio físico para Nelo e o suicídio psicológico para Virinha. O autor representa com maestria a sua necessidade de alusão à realidade, cruzando obras diferentes, que não se completam, mas se misturam mesmo estando em um tempo espaço completamente diferenciado, literariamente falando.

A problemática e hipóteses inicialmente levantadas foram comprovadas, constatou-se que Virinha e Nelo têm perfis identitários semelhantes, e seus destinos e desfechos estão inter-relacionados.

O estudo sobre a produção de Antonio Torres na literatura pós-moderna é de grande relevância, por isso deve ser amplamente discutido e considerado, uma vez

que envolve aspectos regionalistas de forma peculiar. O autor consegue envolver o leitor de maneira real e solidária, fazendo com que este se sinta parte da narrativa. Torres denuncia problemas de ordem ética, de gênero, raça e nivelamento social em que estão imersos os nordestinos, de forma especial, aborda a migração, o clima, a vegetação, a solidão, a baixa escolaridade entre outros aspectos. Sendo assim deve ser amplamente explorado em cursos de literaturas, licenciatura e áreas que envolvam temáticas sociais de maneira geral.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ARAUJO, Jorge de Souza. **Floração do imaginário: o romance baiano no século 20**. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.
- ÁVILA, Affonso. **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BAUMAM, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAVES, Vânia Pinheiro. **Um novo sertão na Literatura Brasileira: Essa Terra**, de Antônio Torres. In: *Essa Terra*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 173-188.
- CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FIGUEIREDO, Eurídice, NORONHA, Jovita Maria G. **Identidade nacional e identidade cultural**. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010.
- GONÇALVES, Maria Magaly Trindade. **Teoria da literatura**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Gilles Deleuze e Felix Guatari**. Disponível em <www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../72>. Acesso em 19 de set. 2011.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e pós-modernidade**. São Paulo: 2008.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, nº. 2, p. 15-46, jul/dez de 1997. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/>>.

MOISÉS, Massaud. Tendências contemporâneas. *In: História da literatura brasileira: modernismo*. São Paulo: Cultrix. 5. ed. 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'água, 2005.

RAMA, Angel. **Literatura e cultura na América Latina**. AGUIAR, Flavio, VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (Orgs.). Tradução LA CORTE, Raquel, GAPAROTTO, Elza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

TERRY, Eagleton. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-24.

TORRES, Antônio. **Essa Terra**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TORRES, Antônio. **Adeus, velho**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução de Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VILLAÇA, Nízia. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.